

O espaço da narração e o espaço da narrativa

Oziris Borges Filho

Curso de Letras – Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

oziris@oziris.pro.br

***Abstract.** In this study the term narration will be understood as the act of narrating and narrative as what was told. The narration will be always told in the first person (here) or in the third person (in some place). Under this circumstance, we will always have a locus that is related to this instance of creation of the literary text that is considered zero-point from which the spacing of the narrative is created. Many times, we will have a delineation of the locus of narration inside the narrative, at other times this locus only will be assumed because the one who tells a story always tells from a place. Analyzing the relation between the locus of narration and the locus of narrative from the thematic axes of the coincidence and the appearance we will have some interesting possibilities. It is what this study intends to demonstrate.*

***Keywords.** Locus; narration; narrative; narrator.*

***Resumo.** Aqui, tomaremos o termo narração como o ato de narrar e narrativa como aquilo que foi narrado. A narração será feita sempre em primeira pessoa (aqui) ou em terceira pessoa (algures). Dessa maneira, teremos sempre um espaço que diz respeito a essa instância de criação do texto literário, considerado o ponto zero a partir do qual se cria a espacialidade da narrativa. Muitas vezes, teremos uma projeção do espaço da narração dentro da narrativa, outras vezes esse espaço só será pressuposto, pois quem narra narra sempre de algum lugar. Analisando-se a relação entre o espaço da narração e o espaço da narrativa a partir dos eixos temáticos da coincidência e do aparecimento teremos várias possibilidades interessantes. É o que pretendemos demonstrar.*

***Palavras-chave.** Espaço; narração; narrativa; narrador.*

Primeiramente, cumpre esclarecer que a questão do espaço da narração e do espaço da narrativa é melhor tratada no item do espaço lingüístico justamente porque é através do uso das classes gramaticais tais como advérbios e pronomes que se melhor determinam esses dois tipos de espaço.

Reis & Lopes (1988) afirmam que os vocábulos narração e narrativa são polissêmicos, utilizados em diversos contextos. Aqui, tomaremos o termo narração

como o ato de narrar e narrativa como aquilo que foi narrado. Outras linhas teóricas chamam a essa divisão de discurso e história. Por motivos didáticos, tomaremos essa diferenciação independentemente do tipo de texto: prosa ou verso.

A narração será feita sempre em primeira pessoa (aqui) ou em terceira pessoa (algures). Dessa maneira, teremos sempre um espaço que diz respeito a essa instância de criação do texto literário, considerado o ponto zero a partir do qual se cria a espacialidade da narrativa. Muitas vezes, teremos uma projeção do espaço da narração dentro da narrativa, outras vezes esse espaço só será pressuposto, pois quem narra narra sempre de algum lugar. Há, portanto algumas possibilidades teóricas interessantes nessa relação entre espaço da narração e espaço da narrativa.

Analisando-se a relação entre o espaço da narração e o espaço da narrativa a partir dos eixos temáticos da coincidência e do aparecimento teremos as seguintes possibilidades.

Em relação à coincidência ou não entre o espaço da narração e o espaço da narrativa, teremos:

1. Espaço da narrativa coincide com espaço da narração;
2. Espaço da narrativa coincide parcialmente com espaço da narração;
3. Espaço da narrativa não coincide com espaço da narração.

Em relação ao grau de aparecimento do espaço da narração, teremos:

1. Espaço da narração aparece sutilmente;
2. Espaço da narração aparece explicitamente;
3. Espaço da narração não aparece.

Teoricamente, essas possibilidades ocorrem com narradores em primeira pessoa ou terceira. No entanto, há uma predominância da 1ª. pessoa nas duas primeiras possibilidades e predominância da 3ª. na última.

Cruzando todas essas perspectivas, chegamos às seguintes ocorrências:

1. Espaço da narrativa coincide com espaço da narração que aparece sutilmente;
2. Espaço da narrativa coincide parcialmente com espaço da narração que aparece sutilmente;

3. Espaço da narrativa não coincide com espaço da narração que aparece sutilmente;
4. Espaço da narrativa coincide com espaço da narração que aparece explicitamente;
5. Espaço da narrativa coincide parcialmente com espaço da narração que aparece explicitamente;
6. Espaço da narrativa não coincide com espaço da narração que aparece explicitamente;
7. Espaço da narrativa aparece, o espaço da narração, não.

Dessa maneira, fica clara a importância para o toponalista dessas relações entre espaço da narrativa e espaço da narração. Muitos efeitos de sentido são criados a partir dessas possibilidades e seria um erro não nos atentarmos a elas.

Vejam alguns exemplos dessa relação entre o espaço da narração e o espaço da narrativa.

*Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz **aqui** do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. (Dom Casmurro, Machado de Assis, grifo nosso)*

Quando o narrador usa o advérbio aqui, ele indicia seu espaço. No caso, ele habita o bairro Engenho Novo. Portanto, nesse momento, temos o espaço da narração coincidindo com o espaço da narrativa. A escolha do título do romance deveu-se a um fato que se passou no mesmo bairro em que o narrador escreve sua narrativa. Por isso o capítulo segundo começa assim:

Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro. Antes disso, porém, digamos os motivos que me põem a pena na mão. Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fê-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu.

Até esse momento, o narrador ainda não passou a escrever a narrativa propriamente dita. Ele expõe os motivos que o levaram a escrever o livro. A narrativa, propriamente dita só começará no capítulo III:

Ia entrar na sala de visitas, quando ouvi proferir o meu nome e escondi-me atrás da porta. A casa era a da rua de Matacavalos, o mês novembro, o ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano era de 1857.

É assim que começa a narrativa de Dom Casmurro segundo o narrador. Portanto, fica claro que, em um primeiro momento, o narrador nos mostra apenas o espaço da narração. Esse espaço aparece de maneira explícita e abundante já que o narrador, no segundo capítulo, nos esclarece que a casa em que mora reproduz a antiga casa da rua de Matacavalos e mostra-nos detalhes dela. Quando o narrador passa a contar a sua história, há uma diferenciação dos espaços. O espaço da narração continua sendo a casa do Engenho Novo que é uma réplica da casa de Matacavalos, porém a narrativa não se passa mais na casa do Engenho Novo. Passa-se na casa original e em outros espaços também. Assim, levando-se em conta a narrativa como um todo, percebe-se que o espaço da narração coincide parcialmente com o espaço da narrativa.

Vejamos outro exemplo em que o espaço da narração é claramente exposto dentro da narrativa. Trata-se do romance *Aparição* de Vergílio Ferreira.

Sento-me aqui nesta sala vazia e relembro. Uma lua quente de Verão entra pela varanda, ilumina uma jarra de flores sobre a mesa. Olho essa jarra, essas flores, e escuto o indício de um rumor de vida, o sinal obscuro de uma memória de origens. (p. 11)

Novamente, através do advérbio **aqui**, do pronome **esta** e do verbo no presente do indicativo “relembro”, o narrador mostra-nos o espaço da narração. Após essa introdução, no capítulo I, o narrador escreve:

Pelas nove da manhã deste dia de Setembro cheguei enfim à estação de Évora. Nos meus membros espessos, no crânio embrutecido, trago ainda o peso de uma noite de viagem.

Dessa maneira temos os dois espaços bem caracterizados logo de início. O espaço da narração é o espaço da sala vazia em que o narrador está e relembra sua história que se passou, principalmente, em Évora, espaço da narrativa. Mais à frente, encontramos o seguinte trecho:

Eis que me levanta de novo a imagem de meu pai, caído de bruços sobre a mesa, ao jantar, dias antes de eu partir. Todos os anos, pela vindima, meus pais queriam ali os três filhos pelo Natal. O Tomás vivia perto, tinha também a sua lavoura, mas não deixava nunca de comparecer ao jantar. Mas o Evaristo vivia na Covilhã. E agora, que escrevo esta história à distância de alguns anos, exactamente neste mesmo casarão em que tudo se passou, relembro vivamente o estrépito da sua chegada nessa manhã de Setembro. (p.16)

Em *Aparição*, o fato principal da vida do narrador Alberto, acontece em Évora, no entanto, como recorda sua trajetória desde criança, temos que alguns episódios de sua infância se passaram no mesmo casarão que herdou na partilha da herança da família e em que se encontra após abandonar Évora. Desse modo, nesses momentos em que recorda a infância, o espaço da narração coincide com o espaço da narrativa. Há, portanto, uma coincidência parcial entre o espaço da narrativa e o espaço da narração. Essa coincidência parcial, no entanto, é maior que a de *Dom Casmurro*, já que Bentinho escreve de uma casa que não é a de sua infância.

Vejamos ainda um último exemplo. Trata-se do romance *São Bernardo* de Graciliano Ramos. No capítulo segundo, o narrador afirma o seguinte:

Aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, suspendo às vezes o trabalho moroso, olho a folhagem das laranjeiras que a noite enegrece, digo a mim mesmo que esta pena é um objeto pesado. Não estou acostumado a pensar. Levanto-me, chego à janela que deita para a horta.

Vemos no trecho o espaço da narração explicitamente apresentado pelo advérbio “aqui”, pela referência ao “trabalho moroso” e pelo uso do verbo no presente do indicativo. Paulo Honório é o narrador do romance em primeira pessoa e nessa narrativa ele nos conta sua vida cheia de episódios interessante dos quais os principais se passaram na fazenda São Bernardo onde ele escreve sua história. No final dessa narrativa, no último capítulo, o narrador escreve:

Com um estremecimento, largo essa felicidade que não é minha e encontro-me aqui em S. Bernardo, escrevendo.

As janelas estão fechadas. Meia-noite. Nenhum rumor na casa deserta.

Vê-se que o espaço da narração aparece explicitamente e o próprio narrador diz sobre o seu fazer: escrever.

Nos três exemplos que citamos, *Dom Casmurro*, *Aparição* e *São Bernardo* o espaço da narração aparece e está claramente indiciado pelo uso do advérbio e do pronome de conotações espaciais. Além disso, percebe-se que nesses três romances o espaço da

narração coincide com o espaço da narrativa parcialmente. E o interessante dessa coincidência entre o espaço da narração e o espaço da narrativa é que nos três romances há uma gradação diferente. Em *Dom Casmurro*, a coincidência é mínima. Praticamente, apenas os dois primeiros capítulos são coincidentes. O restante da narrativa não coincide com o espaço da narração. Já em *Aparição*, Alberto, o narrador protagonista conta sua história a partir do espaço em que passou sua infância. Dessa maneira, toda referência aos seus anos de infância, que não são poucas, bem como a narrativa das visitas que fazia a sua mãe enquanto adulto, ocorrem no mesmo espaço da narração. No entanto, nesse romance, o ponto central se passa em Évora, cidade onde conhece Carolino e Sofia, personagens extremamente importantes que influenciam decisivamente a vida do protagonista. Finalmente, em *São Bernardo*, ocorre o oposto do que aconteceu em *Aparição*. O protagonista narrador, Paulo Honório, está vinculado à fazenda São Bernardo desde muito cedo e os principais fatos de sua vida aconteceram na e pela fazenda. E é de lá, da fazenda São Bernardo, que o protagonista efetua sua narração. Em *São Bernardo*, temos quase uma coincidência entre espaço da narração e espaço da narrativa.

Nesses Três exemplos, que citamos, as narrativas são feitas em primeira pessoa. Já em uma narrativa em terceira pessoa, é comum o espaço da narração estar totalmente ausente. Há um espaço onde se produziu a narrativa, mas ele pode não aparecer. Sabemos que ele existe por pressuposição, ou seja, se há narrativa, há quem a escreveu e este alguém estava situado em determinado espaço. Veja-se, a título de exemplo, o trecho inicial do romance *O mulato* de Aluísio Azevedo:

Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecida pelo calor. Quase que se não podia sair à rua: as pedras escaldavam. As vidraças e os lampiões faiscavam ao sol como enormes diamantes; as paredes tinham reverberações de prata polida; as folhas das árvores nem se mexiam; as carroças de água passavam ruidosamente a todo o instante, abalando os prédios; e os aguadeiros, em mangas de camisa e pernas arregaçadas, invadiam sem-cerimônia as casas para encher as banheiras e os potes. Em certos pontos não se encontrava viva alma na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho. (p. 9, Ediouro, s.d.)

O narrador nos apresenta o espaço da narrativa com abundância de detalhes, mas nada diz do espaço da narração. Essa omissão reforça o caráter de objetividade que a narrativa em terceira pessoa possui. Quanto mais o espaço da narração aparece dentro da narrativa, mais subjetiva esta se mostra.

Note-se que para uma topoanálise é muito importante diferenciarmos o espaço da narração e o da narrativa para percebermos suas implicações mútuas e podermos perceber os efeitos de sentido a partir daí criados.

Referências bibliográficas

- BERTRAND, Denis. *L'espace et le sens. Essai de sémiotique discursive*. Amsterdam: Hadier Benjamins, 1985.
- BONHOMME, Béatrice. Espace et voix narratives dans le poème contemporain. In : MARTI, Marc(org.) Cahiers de narratologie, N° 9, *Espace et voix narrative*. Nice: Faculté des Lettres, Arts et Sciences Humaines, 1999. pp. 175 – 203.
- BORGES FILHO, Oziris. Em busca do espaço perdido ou espaço e literatura: introdução a uma topoanálise. In: BORGES FILHO, O., GAETA, Maria Ap. J. Veiga. *Língua, literatura e ensino*. Franca: Ribeirão Gráfica Editora, 2005. pp. 85-130.
- DEGRÉS - revue de synthese a orientation semiologique. N.º 35-36, 1983. Ambos os números dessa revista são dedicados inteiramente ao espaço.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação - as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.
- FRANK, Joseph. “*La forme spatiale dans la littérature moderne*. Poétique, Paris: Seuil, n.º 10, 1972.
- GULLÓN, Ricardo. *Espacio y novela*. Barcelona: Antoni Bosch, 1980.
- HAMON, Philippe e LEDUC-ADINE, Jean-Pierre(org.). *Mimesis et Semiosis*. Paris : Nathan, 1992.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- LOTMAN, Iuri. *A estrutura do texto artístico*. Lisboa: Estampa, 1978.
- POULET, Georges. *O espaço proustiano*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

